

EM PARTE INCERTA

GILLIAN FLYNN

EM PARTE INCERTA

Tradução de
FERNANDA OLIVEIRA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

Para Brett: luz da minha vida, sénior

*e
Flynn: luz da minha vida, júnior*

O amor é a mutabilidade infinita do mundo; mentiras, ódio, e até mesmo homicídio, estão todos entretecidos nele; é o inevitável desabrochar dos seus opostos, uma rosa magnífica com um leve perfume de sangue.

TONY KUSHNER, *The Illusion*

primeira parte

RAPAZ PERDE RAPARIGA

NICK DUNNE

O DIA DE

Quando penso na minha mulher, penso sempre na sua cabeça. Para começar, na sua forma. Da primeira vez que a vi, foi a nuca que vi primeiro, e havia qualquer coisa de adorável nos ângulos que formava. Como um grão de milho duro e lustroso ou um fóssil no leito de um rio. Ela tinha aquilo que os vitorianos diriam ser uma *cabeça primorosamente modelada*. Deixava adivinhar facilmente o crânio.

Reconheceria a sua cabeça em qualquer lugar.

E o que está dentro dela. Também penso nisso: na sua mente. No seu cérebro, com todas aquelas circunvoluções, e os seus pensamentos a percorrerem-nas como centopeias velozes e frenéticas. Como uma criança, imagino-me a abrir-lhe o crânio, a desenrolar-lhe o cérebro e a vasculhá-lo, tentando agarrar e imobilizar os seus pensamentos. *Em que estás tu a pensar, Amy?* A pergunta que mais vezes fiz durante o nosso casamento, mesmo que a não tenha feito em voz alta, mesmo que a não tenha feito à pessoa que podia responder. Suponho que estas perguntas surjam como nuvens ameaçadoras sobre todos os casamentos: *Em que estás a pensar? O que estás a sentir? Quem és tu? O que é que fizemos um ao outro? O que é que vamos fazer?*

Os meus olhos abriram-se exatamente às seis da manhã. Isto não era um pestanejar adejante, um piscar de olhos em direção à consciência. O despertar foi mecânico. Um clique assustador das pálpebras, como

o do boneco de um ventríloquo. O mundo está às escuras e, de repente, está na *bora do espetáculo!* 6-0-0, disse o relógio à minha frente, a primeira coisa que vi. 6-0-0. Havia algo de diferente. Raramente acordava a uma hora tão certinha. Eu era homem de despertares irregulares: 8h43, 11h51, 9h26. A minha vida não tinha alarmes.

Nesse preciso momento, 6-0-0, o sol elevou-se sobre a linha de carvalhos recortada no horizonte, revelando o seu esplendor estival de deus zangado. O seu reflexo projetou-se através do rio em direção à nossa casa, como um longo dedo flamejante que me era apontado acusadoramente por entre as delicadas cortinas do nosso quarto: *Foste visto. Serás visto.*

Rebolei na cama, que era a nossa cama de Nova Iorque na nossa casa nova, que continuávamos a chamar *a casa nova*, embora já lá estivessemos há dois anos. É uma casa alugada mesmo à beira do rio Mississípi, uma casa que tresanda a novo-rico suburbano, o tipo de lugar a que eu aspirava em miúdo, a partir do meu lado da cidade cheio de casas de três pisos revestidos a alcatifa felpuda. O tipo de casa que é imediatamente familiar: uma casa genericamente grandiosa e pouco desafiante, novinha em folha, que a minha mulher iria detestar — e detestou.

«Será melhor despir a alma, antes de entrar?», foi a sua primeira tirada depois de lá chegar. Tinha sido uma solução de compromisso: Amy exigiu que alugássemos, em vez de comprar, na minha pequena cidade natal do Missouri, na sua firme esperança de que não ficaríamos ali por muito tempo. Mas as únicas casas disponíveis para arrendar ficavam todas naquela urbanização fracassada: uma cidade fantasma em miniatura constituída por mansões a preço reduzido, vítimas da recessão e detidas por bancos... Um bairro que fechou antes mesmo de abrir. Foi uma solução de compromisso, mas Amy não parecia encará-la minimamente dessa forma. Para Amy, era um capricho castigador da minha parte, um golpe indecente e egoísta. Eu ia arrastá-la, qual homem das cavernas, para uma cidade que ela evitara de forma enérgica e obrigá-la a viver no tipo de casa que ela costumava ridicularizar. Suponho que não se possa falar em compromisso quando só uma das partes o considera como tal, mas os nossos compromissos tinham tendência para ser assim. Um de nós ficava sempre zangado. Normalmente, Amy.

Não me culpes por este ressentimento em particular, Amy. O ressentimento do Missouri. Culpa a economia, culpa o azar, culpa os meus pais, culpa os teus, culpa a Internet, culpa as pessoas que usam a Internet. Eu tinha sido escritor. Um escritor que escrevia sobre televisão, filmes e livros. No tempo em que as pessoas liam coisas em papel, no tempo em que as pessoas se importavam com o que eu pensava. Tinha chegado a Nova Iorque no final da década de 90, no último suspiro dos dias gloriosos, embora ninguém o soubesse na altura. Nova Iorque estava cheia de escritores, escritores a sério, porque havia revistas, revistas a sério, montanhas delas. Isto era no tempo em que a Internet ainda era um animal de estimação exótico mantido a um canto do mundo editorial — atirem-lhe um bocadinho de ração, vejam como dança preso à trela curta... Oh, tão giro, de certeza de que não nos vai matar durante a noite. Pensem nisso: um tempo em que os miúdos recém-licenciados podiam chegar a Nova Iorque e *ser pagos para escrever*. Não fazíamos a mais pequena ideia de que estávamos a abraçar carreiras que desapareceriam dentro de uma década.

Tive um emprego durante onze anos e de repente deixei de ter; foi tão rápido quanto isso. Por todo o país, as revistas começaram a encerrar, sucumbindo a uma súbita infeção produzida pela economia falida. Os escritores (do meu género: aspirantes a romancistas, pensadores compulsivos, pessoas cujos cérebros não trabalham suficientemente rápido para entrar em *blogs*, *links* ou *tweets*, basicamente um bando de velhos convencidos e teimosos) estavam acabados. Éramos como os chapeleiros de mulheres ou como os fabricantes de chicotes usados pelos cocheiros: o nosso tempo tinha chegado ao fim. Três semanas depois de eu ter ficado desempregado, Amy perdeu o trabalho dela, embora não fosse grande coisa. (Consigno sentir Amy a espreitar por cima do meu ombro e a sorrir tolamente diante do tempo que passei a falar da minha carreira, do meu infortúnio, e a desvalorizar agora a sua experiência numa única frase. Ela dir-vos-ia que isso é típico. *É mesmo do Nick*, diria. Era o seu refrão: *É mesmo do Nick...* e o que quer que se seguisse, o que quer que fosse *mesmo tipicamente meu*, era mau.) Dois adultos desempregados, passámos semanas a deambular pela nossa casa de pedra em Brooklyn, em meias e pijama, ignorando o futuro, espalhando o correio por abrir em cima de

mesas e sofás, a comer gelado às dez da manhã e a fazer grandes sestas da parte da tarde.

Depois, um dia, o telefone tocou. Era a minha irmã gémea. Margo tinha voltado para casa depois do seu próprio despedimento em Nova Iorque, um ano antes — aquela rapariga está sempre um passo à minha frente em tudo, até mesmo na má sorte. Margo estava a telefonar da velha Cartago do Norte, no Missouri, da casa onde crescemos, e ao escutar a sua voz vi-a com dez anos, cabelo escuro e calções de peitilho, sentada na doca que ficava nas traseiras da casa dos nossos avós, o corpo mole como uma almofada velha, as pernas escanzeladas a balouçar dentro de água, a ver o rio passar por cima dos pés brancos como peixes, com um ar muito atento e absolutamente senhora de si, mesmo em criança.

A voz de Go era quente e modulada, mesmo enquanto dava as notícias friamente: a nossa indómita mãe estava a morrer. O nosso pai já tinha praticamente partido — a sua mente (maldosa) e o seu coração (lastimoso), ambos cada vez mais insondáveis à medida que ele percorria os caminhos sinuosos rumo ao grande cinzento do Além. Mas parecia que a nossa mãe ia chegar lá primeiro. Tinha cerca de seis meses, talvez um ano. Percebi que Go tinha ido sozinha falar com o médico, levado as notas estudiosas na sua caligrafia desleixada, e estava chorosa enquanto tentava decifrar o que escrevera. Datas e dosagens.

— Merda, não faço ideia do que está aqui escrito, será um nove? Fará, ao menos, algum sentido? — disse ela, e eu interrompi-a. Ali estava uma tarefa, um objetivo, que a minha irmã estendia na palma da sua mão, como uma ameixa. Quase chorei de alívio.

— Eu volto para aí, Go. Nós mudamo-nos aí para casa. Não tens de fazer isso sozinha.

Ela não acreditou em mim. Conseguia ouvir a respiração dela do outro lado.

— Estou a falar a sério, Go. Porque não? Não há nada aqui.

Um longo suspiro.

— Então e a Amy?

Essa era precisamente a parte sobre a qual eu não levava muito tempo a pensar. Parti simplesmente do princípio de que agarraria na

minha mulher nova-iorquina, com os seus interesses nova-iorquinos, o seu orgulho nova-iorquino, e que a separaria dos seus pais nova-iorquinos — deixando Manhattan, a frenética e excitante terra do futuro, para trás — e que a transplantaria para a cidadezinha junto ao rio no Missouri, e não haveria problema algum.

Ainda não compreendia até que ponto aquele meu pensamento era insensato, otimista, até que ponto era *mesmo típico do Nick*. A infelicidade a que conduziria.

— Amy não se vai importar. Amy... — Este era o ponto em que eu devia ter dito: «Amy *adora* a mãe.» Mas eu não podia dizer a Go que Amy adorava a nossa mãe, porque, passado todo este tempo, ela mal a conhecia. Das poucas vezes em que tinham estado juntas, ambas tinham ficado desconcertadas. Amy continuava a dissecar as conversas durante dias — «E o que é que ela queria dizer com...» —, como se a minha mãe fosse membro de uma tribo rural antiga, chegada da tundra com um braçado de carne de iaque crua e uns quantos botões para negociar, tentando arrancar qualquer coisa de Amy que não estava à venda.

Amy não se deu ao trabalho de conhecer a minha família, nem quis conhecer o meu local de nascimento. No entanto, por alguma razão, pensei que voltar a casa seria uma boa ideia.

O meu bafo matinal aqueceu a almofada e mudei mentalmente de assunto. Hoje não era dia para críticas *a posteriori* ou arrependimento, era dia para agir. Lá em baixo, conseguia ouvir o regresso de um som há muito perdido: Amy a fazer o pequeno-almoço. Armários de madeira a bater (bam!), recipientes de lata e vidro a retinir (plim!), uma série de tachos metálicos e frigideiras de ferro a serem tirados do lugar (tóim!). Uma orquestra culinária a afinar os instrumentos, num estrépito vigoroso ao chegar à parte final, com uma forma de bolo a rolar pelo chão como um tambor e a bater na parede com a sonoridade de um címbalo. Estava a ser criado algo impressionante, provavelmente um crepe, porque os crepes são especiais, e hoje Amy ia querer cozinhar alguma coisa de especial.

Era o nosso quinto aniversário.

Caminhei descalço até à beira dos degraus e fiquei à escuta, enfiando os dedos na alcatifa aveludada que Amy detestava por uma questão de princípio, enquanto eu tentava decidir se estava, ou não, pronto para ir ter com a minha mulher. Amy estava na cozinha, sem consciência da minha hesitação. Estava a trautear algo melancólico e familiar. Apurei o ouvido para tentar perceber o que era — uma canção popular? Uma canção de embalar? — e depois dei-me conta de que era o genérico da série *M*A*S*H*. O suicídio é indolor. Desci as escadas.

Fiquei à entrada a observar a minha mulher. O seu cabelo de um amarelo-manteiga estava puxado para cima num rabo de cavalo que baloiçava alegremente como uma corda de saltar, e ela estava a chupar distraidamente a ponta queimada de um dedo, trauteando à sua volta. Cantarolava por entre dentes, pois não havia ninguém como ela para aldrabar as letras. Quando começámos a namorar passou na rádio uma canção dos Genesis: «Ela parece ter um toque invisível, pois é.» E Amy trauteou em vez disso: «Ela tira-me o chapéu e põe-no na prateleira de cima.» Quando lhe perguntei como é que era possível ela pensar que as suas letras estavam ainda que remota ou vagamente certas, disse-me que sempre pensou que a mulher da canção amava o homem de verdade porque punha o chapéu dele na prateleira de *cima*. Foi nessa altura que percebi que gostava dela, que gostava mesmo dela, daquela rapariga com uma explicação para tudo.

Há qualquer coisa de perturbador em recordar uma memória ardente e em sentirmo-nos completamente frios.

Amy espreitou o crepe que chiava na frigideira e lambeu qualquer coisa que tinha no pulso. Tinha um ar triunfante, típico de esposa. Se a tomasse nos braços, cheiraria a frutos silvestres e a açúcar em pó.

Quando me viu à espreita, com *boxers* sujos e o cabelo espetado ao estilo da personagem infantil «Heat Miser», encostou-se à bancada da cozinha e disse:

— Bem, olá, borracho!

A bÍlis e o receio subiram-me lentamente pela garganta. Pensei para comigo: *Muito bem, vamos a isso.*

Cheguei muito atrasado ao trabalho. A minha irmã e eu tínhamos feito uma tolice quando voltámos os dois para aquela casa. Tínhamos feito o que sempre faláramos em fazer. Abrimos um bar. Pedimos dinheiro emprestado a Amy para fazer isso, oitenta mil dólares, o que em tempos não era nada para Amy, mas na altura era praticamente tudo. Jurei que ia pagar-lhe aquele dinheiro com juros. Não ia ser um homem que pedia dinheiro emprestado à mulher — conseguia sentir o meu pai a retorcer os lábios diante dessa simples ideia. *Bem, há todo o tipo de homens*, a sua frase mais injuriosa, cuja segunda metade ficava sempre por dizer, *e tu és do tipo errado*.

Mas, na verdade, foi uma decisão prática, uma jogada inteligente em termos de negócio.

Eu e Amy precisávamos ambos de novas carreiras; esta seria a minha. Ela havia de escolher uma um dia, ou não, mas entretanto ali estava um rendimento, tornado possível com o que restava do fundo em depósito de Amy. Tal como a mansão que arrendei, o bar aparecia simbolicamente nas minhas memórias de infância — um lugar onde só os adultos vão e fazem o que quer que seja que os adultos fazem. Talvez tenha sido por isso que insisti tanto em comprá-lo, depois de ter sido privado do seu meio de subsistência. É para me lembrar que, no fim de contas, sou um adulto, um homem feito, um ser humano útil, embora tenha perdido a carreira que fez de mim todas essas coisas. Não voltarei a cometer esse erro: os outrora produtivos rebanhos de escritores de revistas iam continuar a ser abatidos — pela Internet, pela recessão, pelo público americano que preferia ver televisão, ou jogar videojogos, ou informar os amigos por via eletrónica que, por exemplo, *a chuva é uma merda!* Mas não há nenhuma aplicação para esvaziar uma garrafa de *bourbon* num dia quente num bar fresco e escuro. O mundo vai querer sempre uma bebida.

O nosso bar é um bar de esquina com uma estética fortuita em jeito de manta de retalhos. A sua maior atração é a estrutura vitoriana maciça por trás do balcão do bar, com cabeças de dragão e caras de anjo a sair da madeira de carvalho — uma obra de escultura extravagante nesta era de plástico merdoso. Na verdade, o resto do bar é uma boa porcaria, um mostruário das propostas de *design* mais folheiras de cada década: um chão em linóleo da era Eisenhower, com

os bordos virados para cima como uma tosta queimada; paredes dúbias forradas a painéis de madeira vindas diretamente de um vídeo pornográfico caseiro dos anos 70; candeeiros de pé com lâmpadas de halogéneo, um tributo acidental ao meu dormitório dos anos 90. O efeito final é estranhamente acolhedor — parece menos um bar do que um imóvel cuja reparação alguém descuroou. E jovial: partilhámos um parque de estacionamento com uma pista local de *bowling*, e quando a nossa porta se abre, o estrépito dos pinos derrubados aplaude a entrada do cliente.

Ao bar, demos o nome de O Bar. «As pessoas vão pensar que estamos a ser irónicos, em vez de criativamente falidos», raciocinou a minha irmã.

Sim, pensámos que estávamos a ser nova-iorquinos inteligentes — que o nome era uma piada que mais ninguém compreenderia realmente, pelo menos da mesma forma que nós. Nada de *metacompreensão*. Imaginávamos os habitantes locais a franzir o nariz: porque é que lhe chamaram *O Bar*? Mas o nosso primeiro cliente, uma mulher de cabelo grisalho com lentes bifocais e um fato de treino cor-de-rosa, disse: «Gosto do nome. É como no filme *Boneca de Luxo*, em que o gato da Audrey Hepburn se chamava *Gato*.»

Sentimo-nos muito menos superiores depois disso, o que foi uma coisa boa.

Estacionei no parque. Esperei até ouvir o som de um *strike* vindo da pista de *bowling* — *obrigado, obrigado, amigos* — e depois saí do carro. Admirei os arredores, sem me faltar da paisagem decrépita: a pequena estação dos correios em tijolo claro do outro lado da rua (agora fechada aos sábados), o modesto edifício de escritórios de cor bege ao fundo da rua (agora fechado, ponto final). A cidade já não era próspera, muito pelo contrário. Bolas, nem sequer era original, sendo uma de duas Cartagos, no Missouri — a nossa é tecnicamente Cartago do *Norte*, o que dá ideia de uma cidade geminada, embora fique a centenas de quilómetros da outra e seja a mais pequena das duas: uma cidadezinha pitoresca dos anos 50, que se transformou num subúrbio de média dimensão e apelidou isso de progresso. Mesmo assim, tinha sido ali que a minha mãe crescera e onde nos criara, a mim e a Go, portanto tinha alguma história. A minha, pelo menos.

Quando caminhava em direção ao bar através do parque de estacionamento em betão de onde saíam ervas daninhas, olhei diretamente para a estrada e vi o rio. Foi isso que sempre gostei na nossa cidade: ela não se ergue num promontório seguro com vista para o Mississípi — ela fica *junto* ao Mississípi. Eu podia descer a estrada e entrar direitinho lá dentro, uma queda suave de noventa centímetros e ir a caminho do Tennessee. Todos os edifícios da baixa têm linhas desenhadas à mão da altura que o rio atingiu durante a cheia de 1961, 1975, 1984, 1993, 2007, 2008, 2011, etc.

O rio não tinha agora leito de cheias, mas corria com urgência, com correntes fortes e tumultuosas. Movimentando-se ao ritmo do rio, havia uma longa série de homens em fila indiana, de olhos pregados ao chão, ombros tensos, caminhando resolutamente para lado nenhum. Enquanto os observava, houve um que olhou de repente para mim, com o rosto envolto em sombras, um negrume oval. Vi-rei-lhe as costas.

Senti imediatamente uma forte necessidade de entrar. Depois de percorrer seis metros, tinha o pescoço perlado de suor. O sol continuava a ser um olho irado no céu. *Foste visto*.

Senti um nó nas entranhas e desloquei-me mais rapidamente. Precisava de uma bebida.